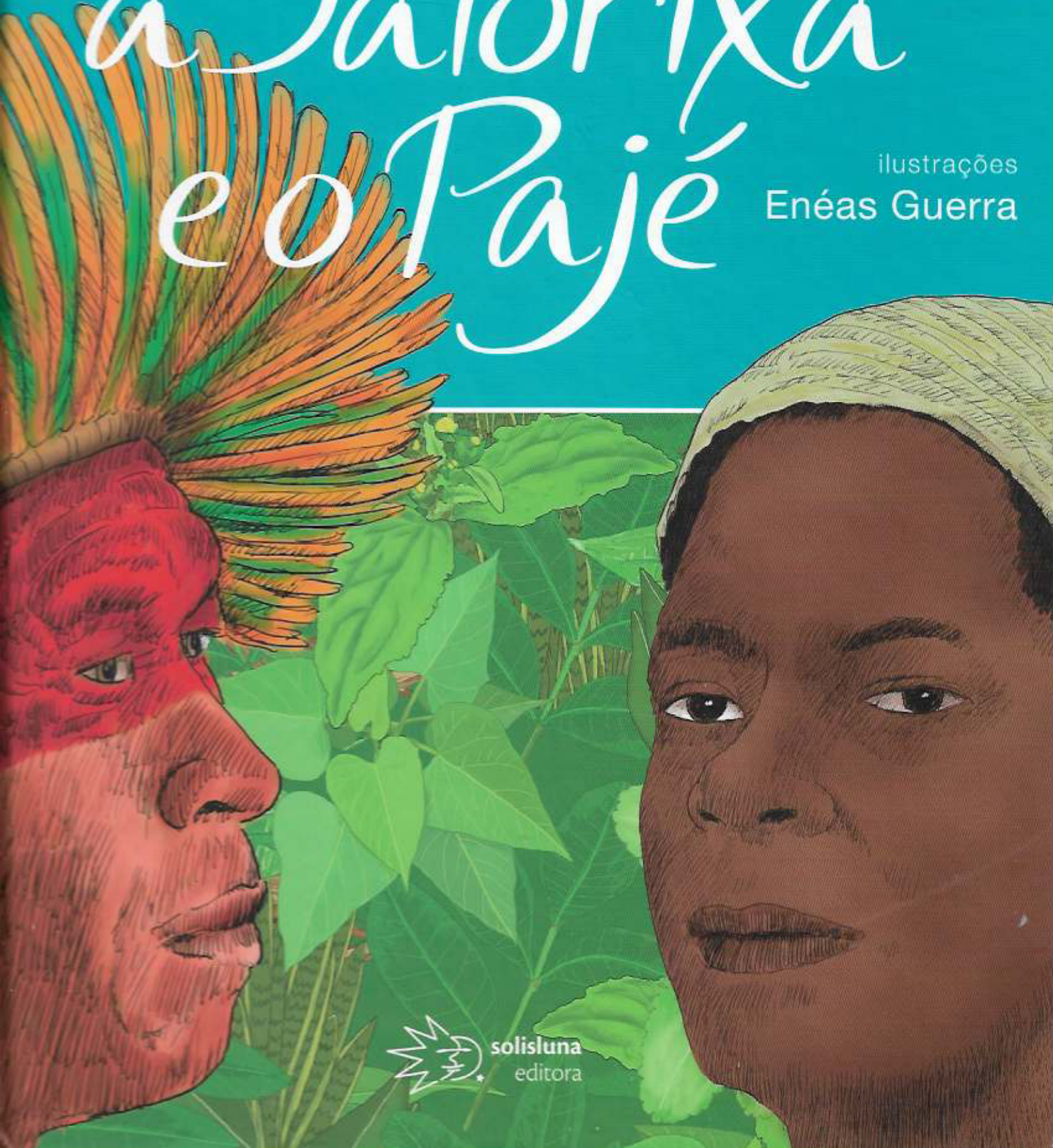


Mãe Stella de Oxóssi

a Talorixá e o Pajé

ilustrações
Enéas Guerra



solisluna
editora

A Ialorixá e o Pajé

copyright texto © 2018 Maria Stella de Azevedo Santos

copyright ilustrações © 2018 Enéas Guerra

EDIÇÃO

Valéria Pergentino

EDIÇÃO DE ARTE E ILUSTRAÇÕES

Enéas Guerra

PROJETO GRÁFICO E DESIGN

Valéria Pergentino

Elaine Quirelli

PREPARAÇÃO DOS ORIGINALS

Graziela Domini

REVISÃO DE TEXTO

Maria José Navarro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

S2371 Santos, Maria Stella de Azevedo
A Ialorixá e o pajé / Maria Stella de Azevedo Santos
(Mãe Stella); ilustrado por Enéas Guerra Sampaio. -
Lauro de Freitas - BA : Solisluna, 2018.
32 p. : il. ; 23cm x 28cm.
ISBN: 978-85-5330-005-1
1. Literatura infantojuvenil. 2. Cultura indígena.
3. Cultura africana. 4. Folhas sagradas e medicinais.
5. Saberes tradicionais. 6. Candomblé da Bahia. I. Mãe
Stella. II. Sampaio, Enéas Guerra. III. Título.
2018-1780 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

Todos os direitos desta edição reservados à Solisluna Design Editora Ltda.
55 71 3024.1047 www.solisluna.com.br editora@solislunadesign.com.br

Mãe Stella de Oxóssi

a Talorixá e o Pajé

ilustrações
Enéas Guerra



Com mais de noventa anos, o passado, presente e futuro se entrelaçavam na cabeça daquela velha senhora. Velha sim, porque não? Ela dizia: “O ser humano tem as suas fases – infância, juventude, maturidade, velhice –, e cada fase deve ser vivida plenamente e com toda intensidade.” Ela tinha uma expressão interessante que demonstrava o seu jeito leve de encarar a vida: “A vida é boa e gozá-la convém.”

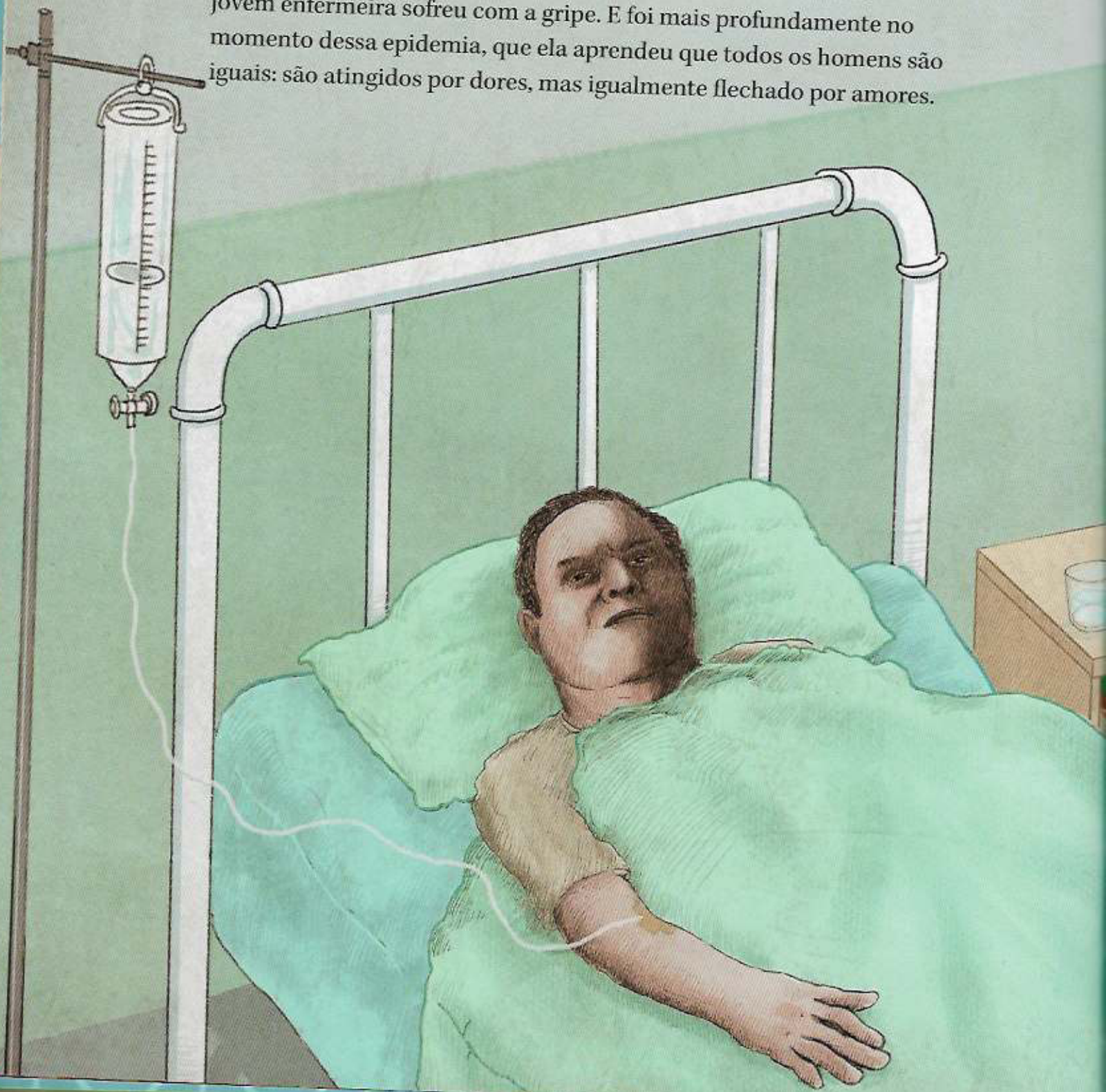


O passado preenche a sua mente de João, Marias, Sonias, José...
Muitas pessoas passaram pela sua vida: tantos ensinamentos transmitidos, mas também muitos ensinamentos recebidos.
Foram muitos anos educando pessoas para que cuidassem bem dos seus corpos: lavar corretamente as mãos, os cabelos, fazer boa higiene corporal e também ter cuidado com os objetos pessoais e a casa inteira, a fim de evitar que doenças fossem adquiridas e transmitidas uns para os outros. Depois de trinta e três anos de serviços prestados como visitadora de saúde pública, a vida pediu que ela orientasse almas, tornou-se uma sacerdotisa de Oxóssi, uma Ialorixá do Candomblé.





A mente da mãe de tantos Orixás trazidos à Terra lembra do momento em que a gripe asiática tinha se alastrado pelo estado da Bahia. A epidemia não poupava ninguém (apesar de ser chamada de asiática). Atacava os ricos e os pobres; os descendentes de todas as raças: indígena, negra, branca... Para ela não existia diferença de cor, de gênero, muito menos de posição social. Até mesmo a jovem enfermeira sofreu com a gripe. E foi mais profundamente no momento dessa epidemia, que ela aprendeu que todos os homens são iguais: são atingidos por dores, mas igualmente flechado por amores.





Ela tinha nascido em um país cujo encanto maior estava na mistura das raças e na riqueza da cultura. Conhecia muito bem o modo de ser e viver dos negros, afinal não era só negra, nascida e criada em uma família de descendentes de escravos, mas também tinha se iniciado, aos 14 anos, no Culto aos Orixás; religião trazida pelos africanos e chamada, no Brasil, de Candomblé.

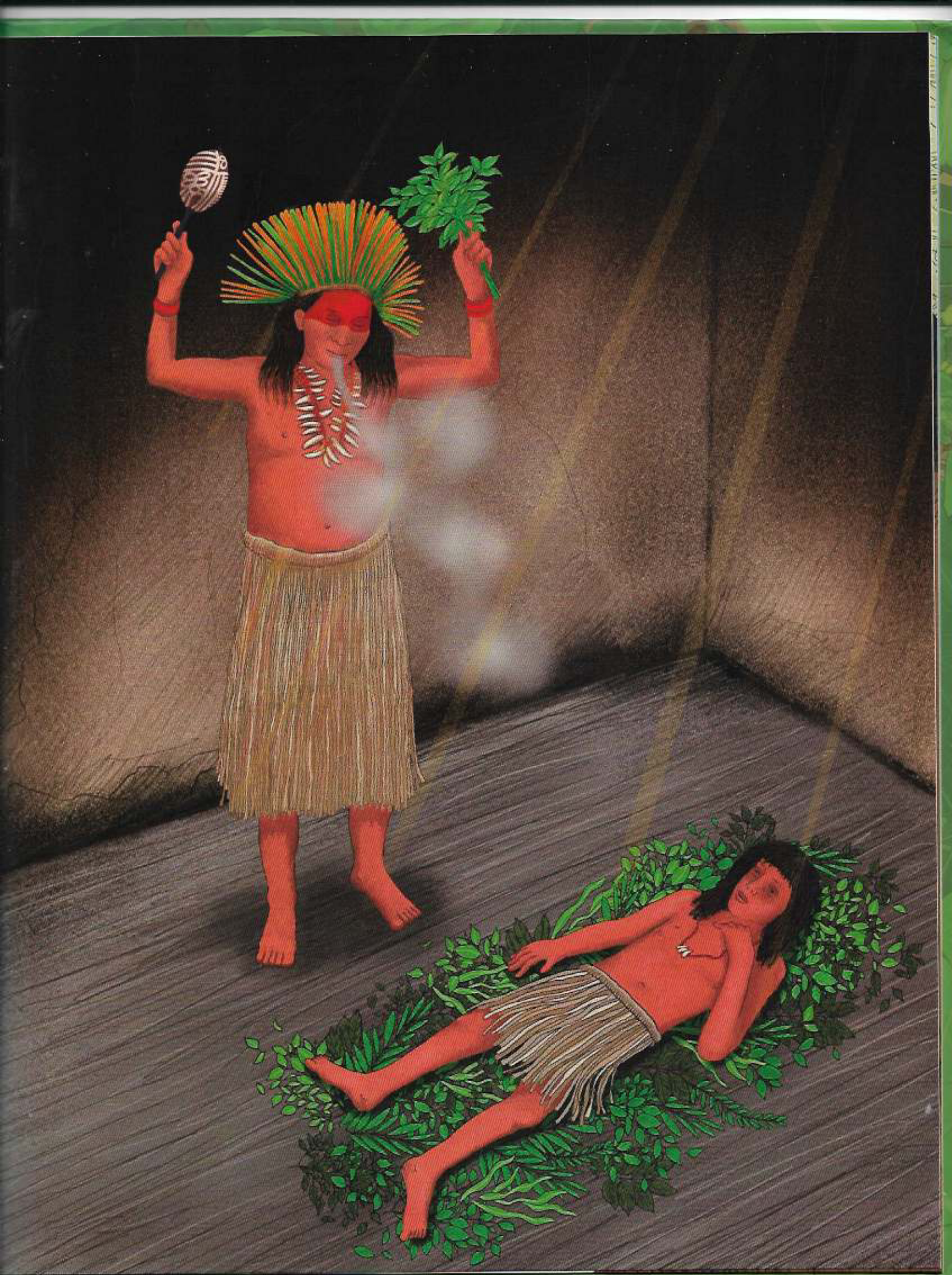
Também conhecia a cultura dos brancos, que mesmo não sendo maioria no país, era a classe dominante política e economicamente; tinha até mesmo estudado em uma escola na qual era a única negra da classe, e convivia muito bem com todas as colegas; se tinha sido discriminada, dizia ela, simplesmente não viu, muito pelo contrário, era a líder da classe.





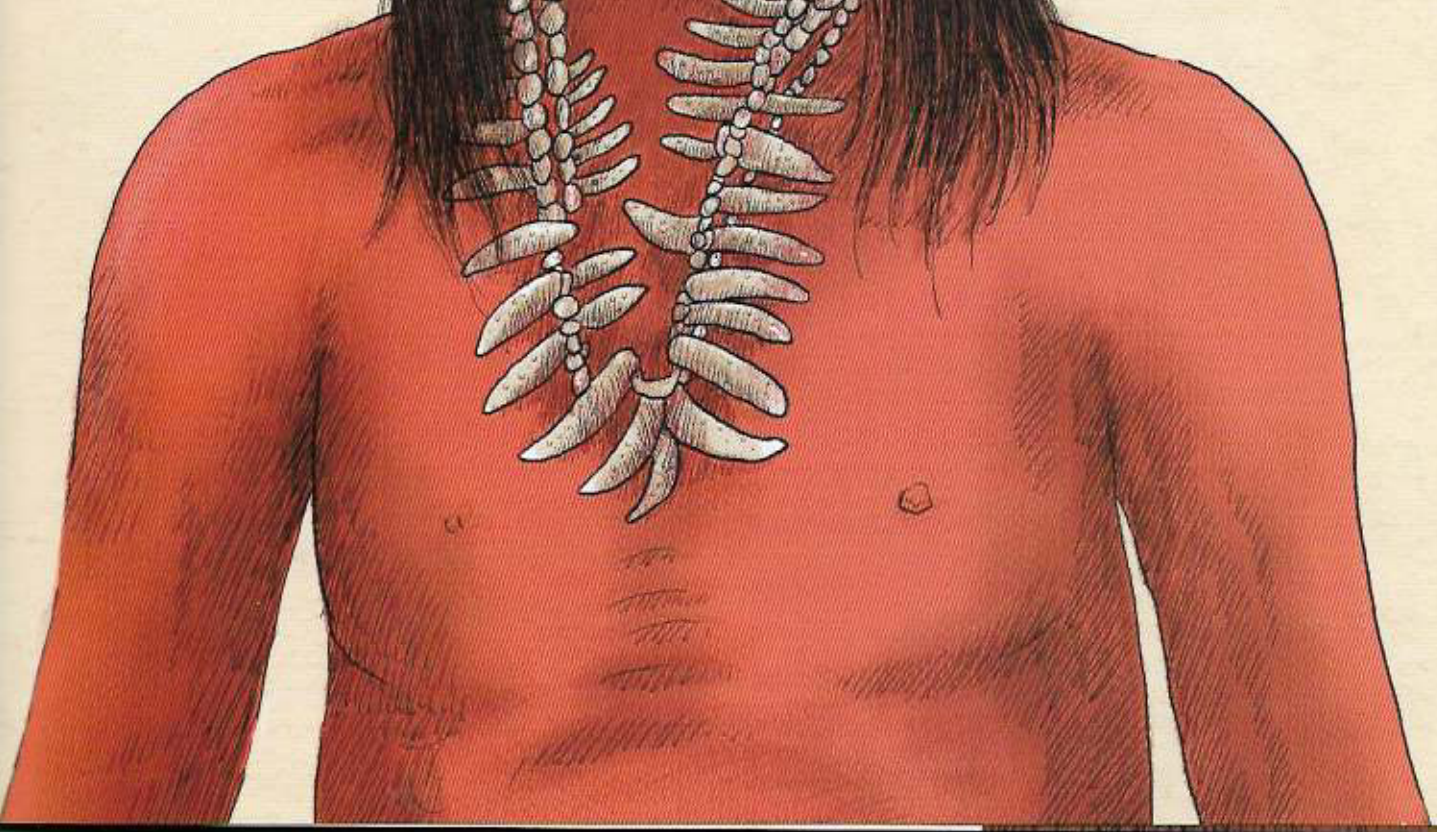
Entretanto foi quando precisou prestar atendimento a uma casa onde moravam pessoas de descendência indígena que a jovem enfermeira teve a maior surpresa e um bom aprendizado, que terminou por levar por toda a sua vida. Sobre a cultura indígena, no entanto, nada sabia. Ver uma criança deitada no chão, sobre folhas, com adultos dançando ao redor dela e um velho índio soprando fumaça, nada tinha a ver com o que tinha aprendido na Escola de Medicina. Mas a vida e sua experiência como “Filha de Santo” em um Terreiro de Candomblé já tinha lhe ensinado a respeitar, e até mesmo reverenciar a sabedoria não acadêmica, aquela recebida pelo povo através de revelação divina.





Quanto à gripe do pequeno indiozinho, o sacerdote que curava através da comunicação com o sobrenatural e com o seu vasto conhecimento sobre ervas, adquirido pelo ensinamento dos seus antepassados e pelas revelações recebidas, o Pajé, soube devolvê-la ao espaço. Mas ele não voltou de pronto para a sua aldeia, ficou mais uns dias na cidade de Salvador, onde firmou amizade com a enfermeira. Ambos aprenderam e ensinaram um ao outro, mas também riram muito. Afinal, ela era O.de Kayò.dé – o caçador que traz alegria.

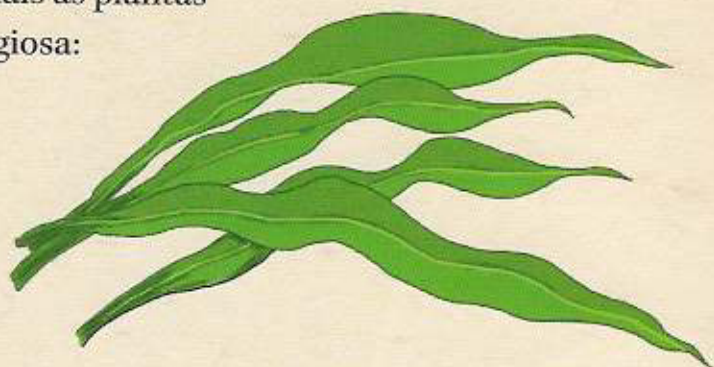




O.de Kayò.dé dizia para o Pajé quais as plantas que utilizava na sua tradição religiosa:



Rinrin, a alfavaquinha de cobra, que faz com que os olhos do corpo e da alma fiquem limpos.



Pèrègún, usada em forma de banhos ou compressas para ajudar a debelar as dores reumáticas. O nativo, que é muito usada na decoração de ambientes, para espantar a negatividade.



Wéréjéje, olho de pombo, que ajuda o homem a obedecer às ordens dos mestres e dos deuses.



Awùrèpépé, botão de Orumilá, botão de ouro, a folha da alegria que livra as pessoas das pragas jogadas pelos invejosos.



Ewé Ida Òris.à, espada de São Jorge, que corta todas as irradiações negativas.



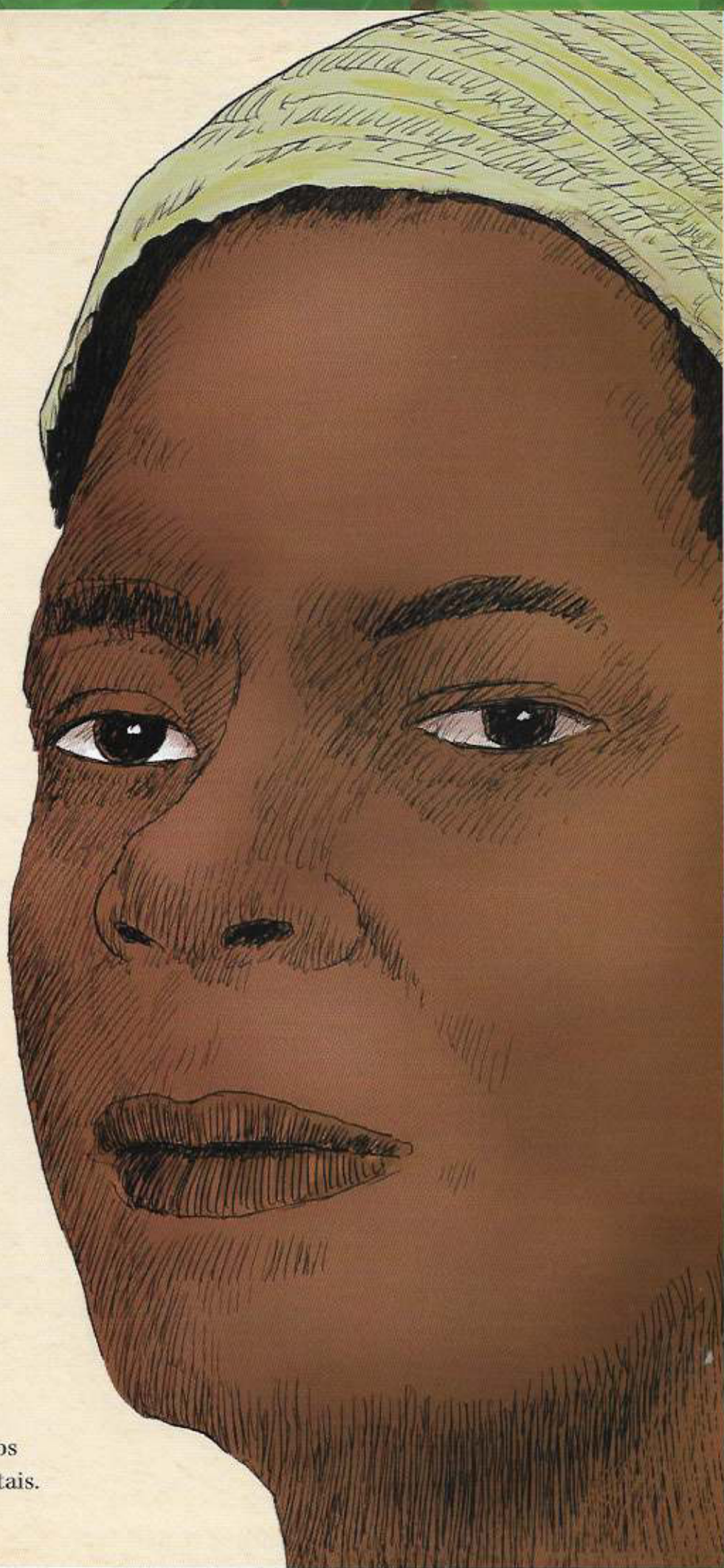
Kánkúndùnkú, a folha da batata-doce diz que o equilíbrio é fácil quando se conta com a sua ajuda.



Ewé Àjó.bi, planta que a semente é uma pimentinha rosa e que, mastigada ao amanhecer, fecha o corpo. A aroeira é um famoso anti-inflamatório popular.



Ewé Orí, a folha da cabeça, que trata dos desequilíbrios mentais.





Copaíba, o uso do seu óleo é infalível no tratamento de secreções nos pulmões e de todo o aparelho respiratório.



Andiroba, anti-inflamatório, com a vantagem de ser cicatrizante.

E o Pajé ensinava para a enfermeirinha a sua medicina, que era feita de chás, emplastos, fumaça, mas que tinha na mastigação das folhas o uso mais comum. Sem esquecer os cânticos, como também acontecia no Candomblé. Cânticos que aumentam o poder das folhas, para que elas cumpram a missão de curar.



Guaraná, o uso em pó dá força ao cérebro e ao coração, faz o guerreiro ser ainda mais guerreiro.



Catuaba, um tônico energético que ajuda a vencer as guerras diárias.



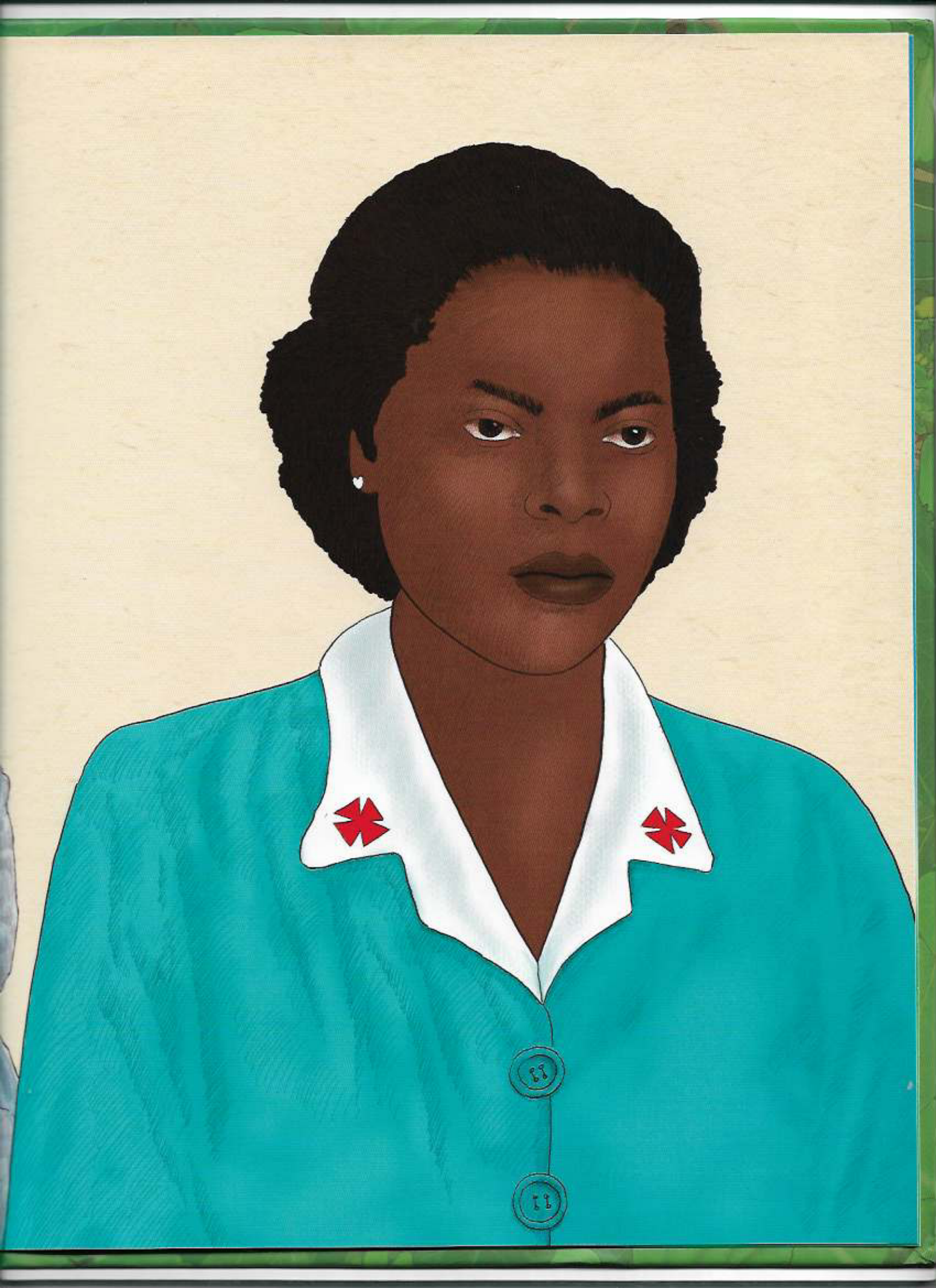
Açai é um alimento medicinal, que faz o sangue fraco ficar forte.



Sucupira, sua semente é utilizada na medicina indígena contra todo tipo de dores causadas por inflamação, principalmente as dores das juntas.

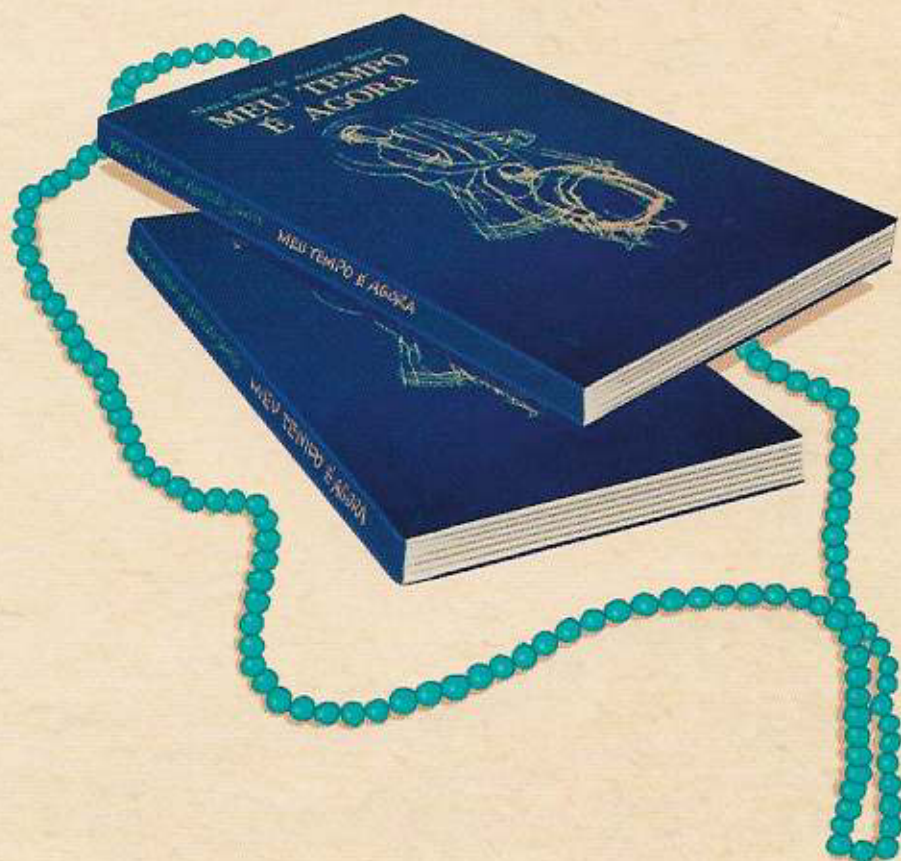
As lembranças brincavam na cabeça da velha senhora e ela brincava com as lembranças. Mas não gostou de recordar o pouco caso que suas colegas de trabalho fizeram quando ela relatou o fantástico encontro com a medicina indígena. Era muito jovem, na época, ainda não entendia o preconceito que existia entre o mundo acadêmico e o mundo das culturas tradicionais. As suas colegas discriminavam o que não conheciam; não tinham sido criadas, como ela, em uma comunidade religiosa, cujo conhecimento vinha desde o início da existência humana. Era compreensível o preconceito, mas não aceitável. Formar um conceito de algo que não se conhece, e ainda se dar ao luxo de criticar, nunca pode ser aceitável.







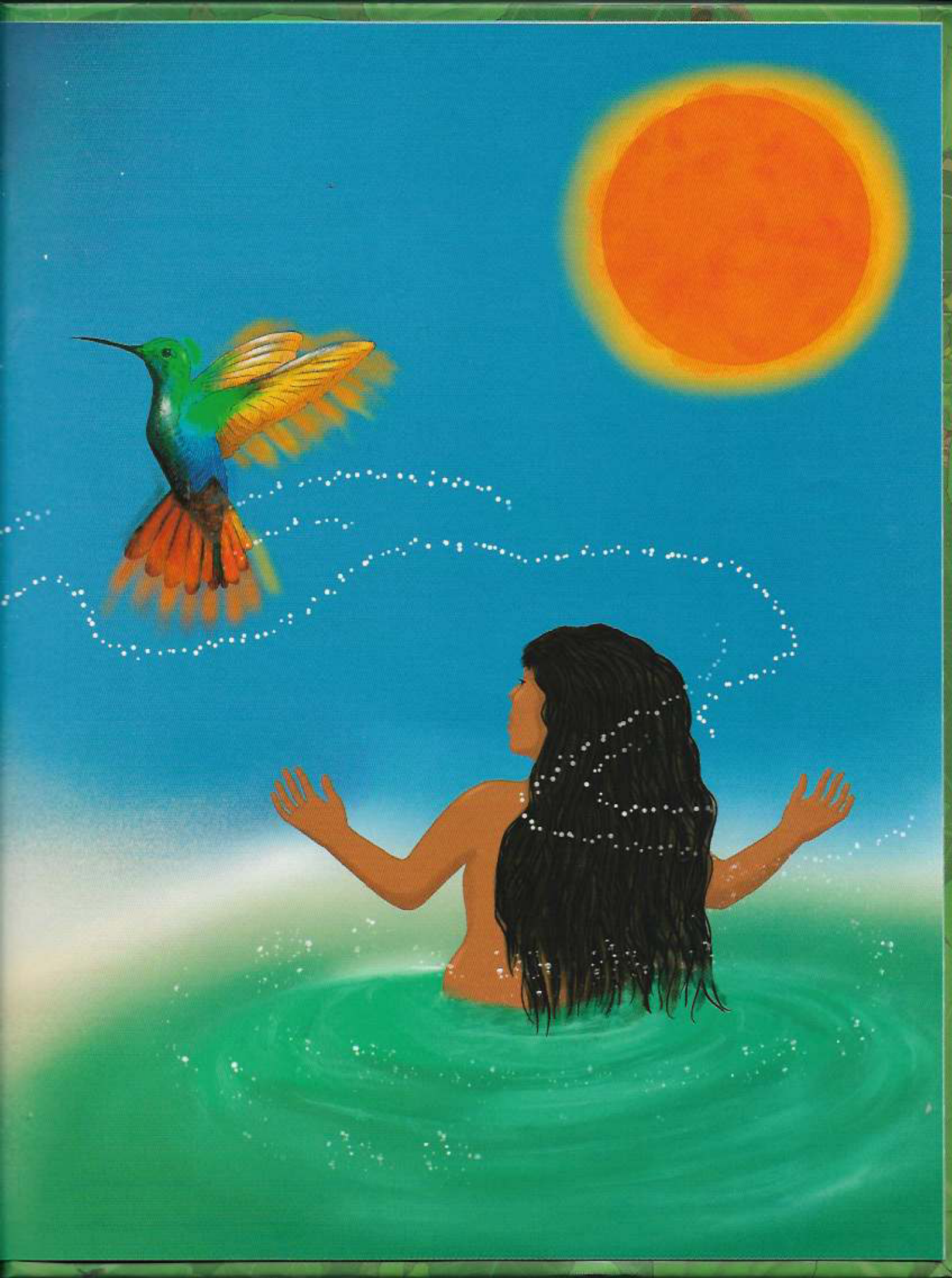
Ao invés de se aborrecer, a velha senhora preferia sorrir da infantilidade humana, era assim que conseguia tornar a existência mais leve, pois o PRESENTE mostrava a todos, que o vasto conhecimento dos povos indígenas sobre o poder das plantas, na cura das enfermidades humanas, estava não apenas sendo pesquisado pelo mundo acadêmico, mas principalmente, confirmado o seu valor. Tal era o caso do Guaraná, planta nativa da Amazônia e muito utilizada pelos índios como estimulante. A ciência a chama de *Paullinia cupana*, enquanto os índios, *varaná* – árvore que sobe apoiada em outra –, e confirmou que além do efeito estimulante, serve também para combater as enxaquecas, e é um excelente tônico cardiovascular. Mas era o presente que importava para a velha senhora. Como dizia sempre: “Meu Tempo é Agora” (título inclusive de um livro seu). “Vivo o aqui e o agora. O passado, recordo; o presente, vivo; o futuro, planejo. O mundo não para só porque as pessoas envelhecem, afinal, o velho, mesmo curvado, continua em pé”, dizia ela.





Como sempre fazia, pediu ajuda aos Orixás – as divindades da sua religião. Aí não pode deixar de voltar ao passado e lembrar-se do seu amigo Pajé e das coisas que ele lhe falou a respeito das divindades do seu panteão religioso. Não foi com facilidade que a memória retornou, mas ela fez questão de forçar as lembranças de algo que foi tão significativo na sua caminhada. As lembranças aos poucos foram surgindo, mas não tinha certeza se elas lhes tinham sido ensinadas pelo Pajé ou se tinham sido lidas em algum livro. Não importa o tipo de fonte, basta apenas que ela seja confiável, o que dá a qualidade do conhecimento adquirido. Lembrou-se, assim, de alguns deuses:

- Jaci, deusa da Lua, Rainha da Noite.
- Guaraci, deus Sol.
- Rudá, deus do amor.
- Aruanã, deus da alegria.
- Yara, deusa sereia das águas doce.





Os seus deuses também fizeram questão de se apresentar:

- Oxóssi (*Ô.s.ó.si*), o protetor dos animais, provedor da humanidade.
- Oxum (*Ô.s.un*), deusa das águas doces, esposa de Xangô (*S.àngo*), o deus do trovão.
- Iyemanjá (*Iyemonjá*), a Grande Mãe, a deusa dos oceanos, que ama receber presentes.
- Exu (*Ês.u*), o mensageiro dos deuses.
- Ogun (*Ôgún*), o ferreiro do céu.





Essa velha senhora sou eu: Maria
Stella de Azevedo Santos;
Mãe Stella de Oxóssi; O.de Kayò.dé –
uma mulher que sorri com a vida,
pedindo sempre que a vida
sorria para todos.

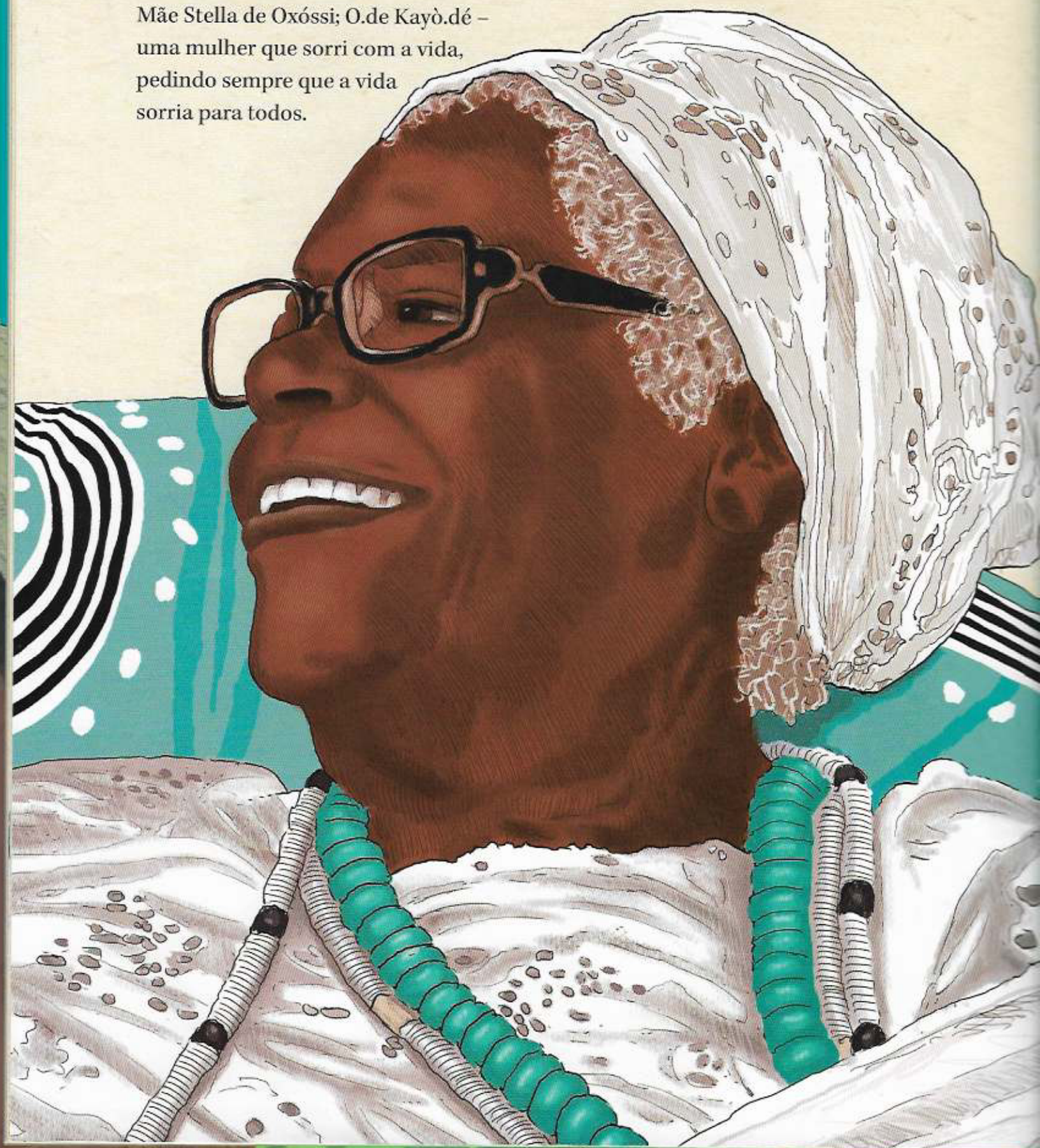




Foto: ANTONILDO VENEZI

Mãe Stella de Oxóssi

Maria Stella de Azevedo dos Santos nasceu em Salvador, em 1925, e se formou pela Escola de Enfermagem e Saúde Pública, exercendo a profissão por mais de 30 anos. Mãe Stella, ialorixá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador, Bahia, foi iniciada no Candomblé por Mãe Senhora, em 1939.

É autora dos livros: *E daí aconteceu o encanto*, *Meu tempo é agora*, editora Oduduwa, *Osòsi, o caçador de alegrias*, pela Secretaria de Cultura da Bahia, *Òwe - Provérbios*, *Epé Laiyé, terra viva e Opinião*.

Em 2001, ganhou o prêmio jornalístico Estadão como fomentadora de cultura.

Recebeu, dentre outros títulos, os de: Membro Honorário Del Templo Yorubá de Porto Rico, 1993; Medalha Dois de Julho, 1997 e Medalha Maria Quitéria, 1997 – Câmara Municipal de Salvador; Medalha de Ordem ao Mérito da Cultura na Classe Comendador – Presidência da República, 1999; Outorga do título Doutor Honoris Causa/UFBA, 2005; Medalha Zumbi dos Palmares, 2005; Outorga do título Doutor Honoris Causa/UNEB, 2009.

Em 2013, foi eleita, por unanimidade, para a Academia de Letras da Bahia.



Foto: ENÉAS GUERRA

Enéas Guerra

Enéas Guerra nasceu em Botucatu, São Paulo. Formou-se pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) em 1972, e tem se dedicado ao design, à ilustração e às artes gráficas.

Desde 1973 mora e trabalha em Salvador, Bahia. Entre os inúmeros trabalhos que realizou, têm destaque as edições de arte de vários livros do etnólogo e fotógrafo Pierre Verger, e a co-autoria de dois livros de lendas dos deuses africanos com o mestre Fatumbi – *Oxóssi o Caçador e Lendas dos Orixás* – publicados em 1981.

Sócio fundador da Solisluna Design Editora é responsável pela direção de arte e design das exposições realizadas pela empresa. É autor e ilustrador dos livros infantis “Vaporzinho” e “Que Bicho Doido!”, ambos publicados pela Solisluna Editora.

Mãe Stella de Oxóssi

a Jalorixá e o Pajé

A Jalorixá e o Pajé é um relato verdadeiro sobre belas lembranças que Mãe Stella de Oxóssi viveu quando era uma jovem enfermeira. A história narra um encontro de Mãe Stella com um Pajé, e a troca de conhecimentos sobre plantas, ervas medicinais, raízes, sementes, folhas e rituais entre uma pessoa nascida na cultura afro-brasileira e outra na cultura indígena.



Apoio financeiro:



Fundo de
cultura



Governo do
Estado da Bahia

ISBN 978-85-5390-005-1

